

# QUEERMUSEU: MNEMÔNICA CONTRA CENSURA

NINA MAZIM

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

## RESUMO

Passados sete anos da abertura e de seu fechamento prematuro, a exposição Queermuseu — Cartografias da Diferença na Arte Brasileira ainda suscita questionamentos sobre a reação a seu conteúdo e o que motivou tal reação a ser tão violenta. Mesmo depois de tanto tempo, o ocorrido em agosto de 2017 ainda faz parte de debates no campo museológico. Partindo de uma perspectiva da museologia social, este artigo busca ponderar e trabalhar com a recepção de minha última pesquisa publicada e os esforços de comunicar sua metodologia a respeito do uso de discursos LGBTfóbicos como ferramentas de censura. A análise qualitativa de discurso com postagens em fóruns digitais e comentários em rede social foi feita dando enfoque na forma que esses discursos se manifestam e seu uso no monitoramento social, propondo uma perspectiva sobre o processo de comunicação de pesquisas que trabalham com memórias difíceis para um campo acadêmico e público geral. Posteriormente, é feito um comentário sobre memória online e perdas de materiais digitais como apagamento de memórias. Concluindo com possíveis abordagens de salvaguarda digital que podem vir a ser implementadas para a manutenção de acervos digitais ou físicos.

## PALAVRAS-CHAVE:

Museologia LGBT; Memória queer; Exposição museológica; Arte contemporânea; Mídias Sociais.

## ABSTRACT

After seven years of the opening and premature closing of the *Queermuseu — Cartografias da Diferença na Arte Brasileira* exposition it still raises questions about the reaction people had related to its content and the reason why this reaction was so violent. Even after some

# QUEERMUSEU: MNEMÔNICA CONTRA CENSURA

NINA MAZIM

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

years, the event that happened in August, 2017, is still part of debates in the museum field. With regard to a social museology perspective, the understatement of the way in which the results of communicating my last academic publishing about the LGBTphobic discourse as a censorship tool was received is aimed in this article. The qualitative analysis of discourse such as online forums and social networks' comments was done focusing on the manner in which this discourse manifests as social policing. A perspective about the communication process of researches that work with painful and difficult memories was outlined to get to the general and academic public. Later, I discuss digital memento and digital artifacts safekeeping and the loss of digital archives as the dissociation of social memory. In conclusion, this work ponders about approaches for safekeeping of said artifacts in archives and institutions in the fiscal and digital media.

## **KEYWORDS:**

LGBT Museology, Queer Memory, Museological exposition, Contemporary Art. Social Media.

# QUEERMUSEU: MNEMÔNICA CONTRA CENSURA

NINA MAZIM

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Meu objeto primário de estudo é a exposição artística Queermuseu — Cartografias da Diferença na Arte Brasileira, coloquialmente referida como Queermuseu ou “aquela exposição que fechou há uns anos”, nas minhas incontáveis conversas sobre seu fechamento e sua recepção me pego chamando-a pelos dois nomes, não necessariamente nesta ordem. Em meu trabalho de pesquisa procuro explorar os acontecimentos e reações à exposição, que teve sua abertura cancelada em 15 de agosto de 2017, com previsão de seu encerramento no dia 8 de outubro de 2017, realizada no Santander Cultural na cidade de Porto Alegre com curadoria de Gaudêncio Fidelis, com seu cancelamento ocorrendo em 10 de setembro de 2017, evento esse que origina um desconforto intelectual incessante que me leva a cometer para as páginas da minha vida. Permanecem ainda lacunas no entendimento daqueles que memoram o contraste entre o potencial desta exposição para o campo museológico com a realidade de seu término forçado por pressões externas.

O foco específico que proponho para minha pesquisa é, partindo de uma perspectiva da museologia social, de avaliar de forma mais profunda as violências envolvidas no uso de discursos de ódio, principalmente, como ferramenta de censura ao campo museológico e da memória social e investigar de onde partem as perspectivas que escolhem não usar o pronome “nós” ao engajar com a arte e com espaços institucionais de memória.

Meu objetivo principal é de repensar a *QueerMuseu* e rememora-lá, dar mais uma oportunidade de construir uma ponte na direção da compreensão. Contextualizar a reação à sua abertura e subsequente detração, abdicar das primeiras concepções que construí sobre o evento como uma sobrevivente direta dessa violência e como uma pesquisadora que se debruçou nas manifestações mais nefastas feitas a respeito desta exposição. Uma das formulações para essa construção seria estabelecer na comunicação dessas memórias o entendimento delas como memórias sociais e compreender seus limites, I.E.: O território físico na qual elas acontecem. Apesar do contato digital possibilitar trocas com pares de

# QUEERMUSEU: MNEMÔNICA CONTRA CENSURA

NINA MAZIM

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

outras regiões nacionais, eventos como a *Queermuseu* se limitam a seus limites regionais. Por qualquer parte do espectro de respostas a exposição o memorar desse evento não é individual, mas um processo coletivo e esse coletivo não é uniforme e coeso pelas experiência direta com a fisicalidade da exposição. Pontuado por Pollak:

Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.(POLLAK, 2013)

Compreendê-la como uma memória de dor foi, e apenas agora afastada do ato da pesquisa noto, um dos processos de aproximação com este objeto, a fim de ser o produto acadêmico de uma pesquisa de conclusão de uma graduação. Origina-se então a necessidade de entender qual público está interagindo com essa memória, seja ele um público que nunca entrou em contato com o ocorrido, um público que tem ciência do acontecimento mas não de seu detalhe, partícipes da censura, visitantes a exposição, etc.

Agora resta o ato mnemônico e os desafios de comunicar uma violência sobrevivida, bem como estabelecer conexão com essa dor, às vezes pela primeira vez, plenamente com o intuito de criar práticas que um dia possam evitar eventos similares, ou, ao menos, termos as ferramentas para poder conter esses processos.

Muitas vezes o tempo é uma fonte violenta de recontextualização - muitas vezes tornando-se descontextualização - e minha perspectiva agora é notar a necessidade de expandir o que significa salvaguarda de nossos espaços de memória, espaços de arte e espaços de vivência em um espaço digital. Meu zelo é um eco de uma passagem de Walter Benjamin:

Impossível usar tons mais equivocados, colocar no pastel ideias inábeis, articular palavras mais desprovidas de tato. Mas a culpa do insucesso dos autores justamente nesse ponto - apesar de todos os seus discursos sobre elementos eternos e originários

# QUEERMUSEU: MNEMÔNICA CONTRA CENSURA

NINA MAZIM

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

- está na pressa tão pouco aristocrática, inteiramente jornalística, com que tentam se apropriar da atualidade sem terem compreendido o ocorrido. (BENJAMIN, 1996)

Se faz necessário nos compreendermos nas disputas políticas e culturais como forças pela memória e zelo. Ao menos existe conforto em saber que ainda haverá oportunidades de perseguir todas as outras versões deste trabalho que foram deixadas para trás pelo pragmatismo que sua eventual entrega exigia.

O objetivo específico do meu TCC era identificar os agentes discursivos e analisar os seus discursos sobre a exposição nas redes sociais e refletir sobre as narrativas discursivas e representações sobre a população LGBT. Ponderar sobre as reações de indivíduos que, ao participarem do processo de boicote ou de repercutir um discurso contrário à exposição, contribuíram para um processo de policiamento moral do Santander Cultural, agora Farol, sendo um dos principais fatores para o fechamento da *Queermuseu*.

Uma das primeiras barreiras ao tentar comunicar esse objetivo metodicamente definido é a separação emocional que as pessoas têm com esse evento e a grande barreira de tentar fazer parecer interessante o que é ostensivamente uma memória de dor. Um dos produtos que tenho desta escrita é uma linha do tempo que contextualiza, pois o exercício de tentar colocar esse evento de forma sucinta e direta é hercúleo. É impossível se conectar com a vaga ideia de duas semanas e alguns dias que aconteceram a quase 8 anos atrás, ainda mais difícil compreender o tamanho e velocidade desse ocorrido. Pontuada por Guy Beiner em *Troubles with Remembering; or, The Seven Sins of Memory Studies* acerca da insularidade que pode ocorrer em estudos de memória:

Insularity can be considered an outcome of near-sightedness and as such it is related to a more general sin of myopia, which clouds the source criticism of a surprising number of devotees of cultural memory[...] Social memory is to

# QUEERMUSEU: MNEMÔNICA CONTRA CENSURA

NINA MAZIM

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

be found in the interactions between audiences and aides de mémoire.[...]”  
(BEINER, 2017)<sup>1</sup>

Minha abordagem é então construir esse *aides de mémoire* (apoio de memória) ao compreender todos os pontos deste evento pela motivação dos agentes que nele participaram ou pelos produtos das ações desses agentes quando suas motivações não são explícitas. É um trabalho imperfeito tentar construir essa ponte de memória, mas é um exercício necessário, pois nem sempre um público está disposto a rememorar algo que pode vir a causar dor ou raiva, é pedir muito das pessoas simplesmente compartimentalizar a violência da censura vivida. Criando esses apoios de memória, espaços mais fáceis de serem vistos pela retrospectiva desses eventos, cria-se a oportunidade de contato com as partes mais difíceis de engajar. Em subsequentes falas que participei publicizando essa pesquisa é possível sentir que existe algum atrito com o público, o que pode parecer um resultado ruim, mas atrito pressupõe contato. Meu trabalho como comunicadora é, então, encontrar formas desse atrito - e desconforto - de ser um processo quisto e desejado, uma vontade que parte dos outros de ouvir mesmo sabendo do custo de memorar.

Dado o escopo possível a ser abordado por uma única pessoa, preferi me dedicar aos detratores da *Queermuseu*, em virtude de identificar os ocorridos como um sinistro ao qual o luto pela exposição que poderia ter sido e então se retornou. Entretanto, é possível imaginar uma variedade de trabalhos que enfocam na recepção positiva da exposição e nos movimentos políticos que abraçaram a causa de lutar pela memória LGBT portoalegrense ou então de estudar a dissonância entre a recepção da exposição em Porto Alegre e a recepção de sua abertura no Rio de Janeiro.

---

<sup>1</sup> Insularidade pode ser considerado um produto de falta de perspectiva e por tanto está mais relacionado ao pecado de miopia, que enevoa o senso crítico de um número surpreendente de estudiosos da memória cultural [...] Memória social é encontrada nas interações entre o público e os apoios de memória.[...] (Tradução Nossa)

# QUEERMUSEU: MNEMÔNICA CONTRA CENSURA

NINA MAZIM

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

Dentro das multitudes que compõem a exponencial capacidade de abordagens dos estudos de memória LGBT uma das versões do meu trabalho que mais me partiu o coração de deixar de lado é a em que dou enfoque sobre preservação de espaços cibernéticos. Dentro do imaginário do possível, um dos produtos de tal pesquisa seria produção de planejamentos de proteção de itens nato-digitais, parecer de processos para controle de produtos digitais como publicações, mas também para segurança digital de exposições nato-digitais. Uma das forças do campo museológico é uma tendência à transdisciplinaridade, um conforto com construir intelectual formado nos princípios de partilha e de absorção - e para a pessoa pesquisadora que se aventura nesse campo é uma escolha contínua a de não acabar se envolvendo com as mais inimagináveis tangentes.

Uma das transformações que se aprofundar tanto em um assunto tão amplo em possibilidades acaba causando, tanto com a pesquisa, quanto com a pesquisadora, é a forma como o método acaba virando a forma. O meio é a mensagem, e se o meio em questão é a efêmera dos pensamentos dispersos das massas, - ou como alguém com menos tempo olhando para o abismo colocaria - postagens em redes sociais são então os ecos do esquecimento.

O processo de salvaguarda que fiz para esse projeto de pesquisa usando a WaybackMachine era tentar preservar sites e publicações o máximo possível, tentando manter não apenas o conteúdo escrito desses espaços digitais, mas também suas características visuais, usando ferramentas, criando redundâncias em formatos salvos, buscando evitar assim a perda de mais partes da internet. Este também foi um trabalho imperfeito, não importa o quanto nos dedicamos à prevenção existe sempre a possibilidade de perda. No meu caso foram documentos salvos no formato errado que acabavam não retornando as partes visuais do site, tornando-o completamente ilegível e uma uma publicação derrubada em um momento infortúnio, publicação essa que não fiz questão de salvar, afinal ela estaria ali em futuras necessidades.

# QUEERMUSEU: MNEMÔNICA CONTRA CENSURA

NINA MAZIM

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

É indescritível a estranheza de, ao tentar documentar um fenômeno para advertir de seus males, acabar o reproduzindo.

A sistematização dessa salvaguarda precisa levar em consideração o elemento humano e a nossa tendência de, ao executar processos repetitivos, preferir o simples ao bem feito. Na linguagem corporativa que cada vez mais faz parte do vernáculo popular, esse fenômeno seria chamado de *streamlining*, reduzindo processos às suas formas mais eficientes poupamos tempo - ou melhor posto, valorizamos tempo depreendido como a mais importante das variáveis - ao custo do resultado e garantia de resultado de um processo.

Plataformas de repositórios para acervos como Tainacan têm as características ideais para o tipo de trabalho que realizei de forma mais rudimentar. Sua construção de código fonte aberto ou *open source* garante a qualquer pessoa ou instituição a possibilidade de seu uso e modificação sem freios monetários entre a pessoa pesquisadora e a plataforma, onde é possível perceber, de forma anedótica, a tendência que descrevi anteriormente. Com a falta de servidores particulares como carregamento auxiliar a esses dados, nenhuma medida é final contra sinistros. A adage de que servidores podem perder disponibilidade, ou que acesso a esses servidores pode vir a se tornar impossível, desconsidera a realidade que museus e instituições têm planos de emergência para situações de sinistro que viriam a causar completa perda de um itens ou documentos. Uma vez construído um plano de ação é possível construir as práticas de segurança e fazer adequações estruturais para que as ferramentas adequadas sejam implementadas. O que proponho para futuros trabalhos é uma melhor incorporação desses planos para o setor digital de instituições e produtores culturais ou acadêmicos.

Permanência de qualquer parte do que podemos entender como o espaço público digital - cujo funcionamento e incentivos são mantidos sob absoluto segredo - não é garantida,

# QUEERMUSEU: MNEMÔNICA CONTRA CENSURA

NINA MAZIM

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

a internet que temos hoje não é a internet que tínhamos há 10 anos. Não falo apenas na forma de seus conteúdos, que através da rápida disseminação e processos miméticos evoluíram de forma exponencial, tornando-se não uma variação do antes, mas algo completamente diferente. A era dos blogs e mesmo dos sites como espaços de permanência e visita foram todos suplantados pelo modelo de redes sociais e sua economia de atenção, que é o norte para o qual todos marchamos. Essa perspectiva pode parecer pessimista, mas prefiro compreender isso como um otimismo bem informado, afinal ainda é possível salvar esses sites do obívio digital e com os avanços em armazenagem digital é cada vez mais simples ter e carregar o equivalente a toneladas de livros em pouco mais de 10g.

# QUEERMUSEU: MNEMÔNICA CONTRA CENSURA

NINA MAZIM

REVISTA MEMÓRIA LGBT

ISSN 2318-6275

V.11 N.2 ANO 2025

## REFERÊNCIAS

POLLARK, Michael. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

BEINER, Guy. *Remembering the Troubles: Contesting the Recent Past in Northern Ireland*, by Jim Smyth (ed), University of Notre Dame Press, 218 pp. Acesso: [drb.ie/articles/troubles-with-remembering-or-the-seven-sins-of-memory-studies/](http://drb.ie/articles/troubles-with-remembering-or-the-seven-sins-of-memory-studies/)

BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. p. 66 Editora Brasiliense. 1996.